

Angra do Heroismo apresenta a Portugal Continental

a primeira grande empresa cinematográfica

UMA OBRA PATRIOTICA E GIGANTESCA

A « FOTO-CINÊMA AÇORES »

NOS AÇORES, essa terra portuguesa que demarca a fronteira entre o Velho e o Novo Mundo, trava-se afincadamente, numa luta insana mas gloriosa, para erguer bem alto, para crear com verdade a cinematografia Nacional.

Esforço de titan, compreendido e acarinhado pelos açoreanos, começa dando já os seus primeiros fructos—a constituição da empresa FOTO-CINEMA AÇORES—enchendo de pasmo os continentais que baldadamente têm trabalhado para conseguir o mesmo objectivo.

Um homem—Antonio Lourenço da Costa—açoreano illustre e cinéfilo apaixonado meteu hombros á formidável tarefa. Perseverante, teimoso, cioso tambem do bom nome da sua terra, conseguiu ao cabo de mil «démarches» obter o auxilio de que necessitava. E a primeira grande empresa cinematográfica portuguesa é já hoje um facto.

E' ele quem transmite á «de Cinêma» as impressões que se seguem. Lourenço da Costa fala com desvanecimento, com orgulho e com fé, da obra que alicerçou.

No seu acendrado patriotismo e para que a sua empresa fosse portuguesa de lei, conseguiu ainda obter que o capital fosse tão sómente dado por açoreanos ou continentais, regeitando nobremente o dinheiro que vinha — em maior quantidade talvez — da mão do estrangeiro.

—«Vou começar a produzir dentro de breves meses, disse-nos Lourenço da Costa. A FOTO-CINEMA AÇORES, logo que venham os aparelhos que por meu intermedio acaba de adquirir e que são a ultima palavra da mecanica cinematográfica, vae impressionar o seu primeiro filme.

—Regional?...

—Regional, sim senhor. Dentro da empresa em que sou director técnico, tudo será regionalista ou quando muito — mas pelo menos—português!

O grande «studio» e o laboratorio de Angra do Heroismo, não sentirá nunca um contacto com o estrangeiro. Desde o cenarista ao operador, tudo ha-de ser açoreano.

—Como conseguiu formar a nova empresa?...

—Foi com a minha muita perseverança, com a minha teimosia. O meu entusiasmo, sempre crescente, conseguiu tambem fazer impulsionar algumas outras pessoas de destaque no meio açoreano. Lançamo-nos todos nessa crusada de propaganda. Emitimos as acções e depois andamos por assim dizer, de porta em porta, não dife-

rençando os ricos dos pobres, o burocrata do operario e todos, especialmente os pobres, souberam atingir o fim a que nos propunhamos e, deram-nos o seu dinheiro.

—E' já grande o capital de que dispõem?

—Temos actualmente cêrca de 600 contos (fórtés) e muito em breve poderemos dispôr de 1000 contos.

—Qual é o primeiro filme que vão realizar?

—Um regional, focando os usos e costumes da Ilha Terceira, intercalado num entrecho deveras interessante, e com a finalidade de tornar conhecidas, especialmente, as célebres touradas á corda que na ilha se realisam.

—Tem já assegurada a colocação das suas películas?

—Sim senhor. A FOTO-CINEMA AÇORES adquiriu todos os salões cinematográficos do arquipelago, formando um «trust» devêras importante. Além disso enviará para a America do Norte e para o Brasil, onde as colonias açoreanas são deveras importantes, copias dos filmes que produzir. No continente tambem espero obter colocação para eles.

—Para as películas de entrecho vai procurar artistas estrangeiros?

—Não senhor! Tudo açoreano. Na nossa empresa serve bem a prata da casa.

—E' só em Angra que a FOTO-CINEMA AÇORES tem «studio» e laboratorios?

—Desejamos ir mais longe. No Faial e em S. Miguel estão sendo tambem montadas duas filiais. Nesta ultima ilha, que será de futuro o ponto obrigatorio da amargem dos aviões transatlanticos nas linhas Europa-America, teremos permanentemente um operador focando na objectiva os acontecimentos principais.

Lourenço da Costa refere-se depois ás belêsas extraordinarias das diferentes ilhas do arquipelago, aos costumes que diferem de povoação para povoação e que em cada uma delas têm os mais bizarros contrastes. Cita o auxilio entusiastico do açoreano illustre que é o sr. coronel Antonio Silveira Lopes, e logo depois num largo vôo de desejos sempre concretos, sempre definidos e realisaveis porque são feitos com fé, exclama:

—Havemos de triunfar! Temos que mostrar aos que têm a estulta pretensão de que a cinematografia nacional não sabe nem pode produzir, que isso não é verdade!

No continente ou nos Açores, as condições climáticas, as belêsas naturais, são extraordinarias, inexcusáveis. Um pouco de boa vontade, de perseverança, e tudo se conseguirá.



ANTONIO LOURENÇO DA COSTA

A FOTO-CINEMA AÇORES, pelos menos, deseja provar isto mesmo, ante os scepticos e mal intencionados.

Ao estrangeiro o «trust» cinematográfico açoreano vai impôr também, o intercambio de películas. Em troca dos filmes que eles desejem colocar entre nós, terão de levar aqueles que produzir-mos. De contrario nada ha feito.

E é falando sempre dos seus projectos, dos filmes patrioticos açoreanos que deseja impressionar, do levantamento da cinematografia nacional que Lourenço da Costa — o esforçado cinéfilo açoreano — se despede de nós.

* * *

Os corpos gerentes da FOTO-CINEMA AÇÓRES são constituídos da forma seguinte :

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente

Dr. Alexandre M. Pamplona Ramos

Vice-Presidente

Tomé de Castro

1.º Secretário

Dr. Teotónio Machado Pires

2.º Secretário

Teotónio da Camara Ornelas Bruges

Secretários substitutos

Joaquim Cardoso da Livramento

Mário Damiense de Medeiros

CONSELHO FISCAL

Capitão José Marinho dos Santos

Gaspar Ferreira Cardoso

Capitão Carlos de Amaral

Substitutos

Tenente Artur Tavares

Luís Leal de Amaral

António Jacinto de Sousa Pereira

DIRECÇÃO

Efétivos

Coronel António Silveira Lopes

Dr. Constantino de Meneses Cardoso

Manuel Joaquim de Andrade

Substitutos

Henrique Correia Ourique

José Correia da Ponte

JUDITH SILVA PARTEIRA
DIPLOMADA

Rua Conde Redondo, 22 (cave) Carro á porta

Consultas sobre a falta da menstruação. Remedio infalivel.
Maximo sigilo. Recebe clientes em casa. Chamadas para partos a qualquer hora. Analyse de urinas; tratamentos uterinos.

Consultas das 9 ás 9 da noite

TELEFONE N.